

Centro de Estudos Psicanalíticos

CEP

Nossa história começa com os gregos

Cássia D'Aquino Filocre

Ciclo I

Quinta-feira (manhã)

São Paulo

Novembro de 2014

Do século VI a.C. ao V d.C., ou seja, durante mais de mil anos, houve em Epidauro um templo dedicado ao culto ao deus Asclépio, no qual se praticava a *nooterapia*, a cura pela mente¹. Esse método terapêutico, por meio do “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi s’autón*), buscava auxiliar os doentes a que “acordassem” para sua identidade real². Para que esse processo chegasse a bom termo, era necessário que ocorresse a *metanóia* – transformação dos sentimentos.

Desde que li sobre a existência de Epidauro, já faz algum tempo, me senti tentada a estabelecer nexos entre o que era praticado naquele hospital e os fundamentos históricos da psicanálise. A prática da interpretação dos sonhos, principal veículo para o processo de cura em Epidauro, conduziu a tentativa deste texto em encontrar pontos de contato entre alguns aspectos fundadores da teoria freudiana e a rotina curadora em Epidauro.

Os Sacerdotes que atendiam no santuário/hospital, denominados *therapeutes*, prescreviam segundo a interpretação dos sonhos dos doentes e tinham como último objetivo promover a purificação da consciência e a harmonização do pensamento, o que necessariamente tornaria o corpo são e equilibrado.

¹ **Asclépio** (em grego: Asklēpiós) ou **Esculápio** (em latim: Aesculapius). O vilarejo de Epidauro está localizado a cerca de 60 quilômetros ao sul da cidade grega de Corinto.

² BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega – volumes II. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 1986. p. 92

Os rituais de cura a partir da interpretação dos sonhos eram chamados “incubações”(*enkoimesis*)³. Durante o ritual, os doentes deitavam-se numa *kline* (“sofá”), dormiam no santuário e, através de sonhos, o deus aparecia-lhes em visões divinas prescrevendo o que se deveriam fazer para alcançar a cura. O sonho era então relatado aos Sacerdotes que interpretavam, complementavam as instruções de tratamento e indicavam o remédio e também as oferendas de agradecimento ao deus. Assim aconteceu a uma mulher chamada Ambrosia de Atenas que foi curada de um problema no olho. Pândaro da Tessália foi sanado de suas feridas na testa e Hermódico recuperou as forças graças a uma ordem direta de Asclépio em seu sonho. Os registros históricos referem curas surpreendentes, endireitando aleijados e restituindo a visão a cegos, a audição a surdos e a fala aos mudos. Os exemplos se multiplicam nas inscrições de Epidauro e sugerem que o fator psicossomático era preponderante nestes rituais de cura. O fato de ter atraído doentes por 11 séculos, faz ver que os relatos de cura não podem ser todos inverídicos. Não houvesse eficácia nos tratamentos oferecidos em Epidauro e o hospital não teria merecido essa extraordinária perenidade.⁴

Não é de pouca importância observar que, quinze séculos após a destruição de Epidauro, Freud voltaria a recomendar o sofá como instrumento para que o analisando se concentre em seus processos mentais de uma forma mais intensa e menos resistente ao processo analítico.

³ Incubação pode ser traduzido por “dormir no recinto sagrado”.

⁴ Houve inúmeros desses templos dedicados a Asclépio, em toda a Grécia. O santuário de Epidauro era considerado o de maior importância.

Deitar-se para relembrar e “acordar” o que não pode ser esquecido era o convite feito em Epidauro às gentes que vinham de toda parte em busca de alívio para seus sofrimentos. Àquilo que não se pode apagar, dá-se, em grego, o nome de *Alétheia* – não esquecimento – , traduzido também por desvelamento, verdade.

Alétheia, deusa da Verdade, fazia par com *Moussa* – as musas , Filhas da deusa *Mnémosyne* (Memória) . É de chamar a atenção o fato de que as musas podiam escolher entre dizer a verdade ou a mentira: "sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos/e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações (*alethéia*)" . Para dizer de outra forma, o canto/fala das musas transitava entre o falso e o verdadeiro, entre a ficção e a verdade, ou melhor, se localizava na verdade como ficção (*Alethéia– Pseudos*)⁵.

“Elas dizem de si que sabem como dizer coisas falsas [pseudeis, eu traduziria: “enganosas”] que se assemelham a coisas reais, e que sabem ao mesmo tempo como fazer para serem compreendidas como verdadeiras”⁶.

Inevitável associar as características aleivasas das Musas, filhas da Memória, ao alerta freudiano das Lembranças Encobridoras. O convite de trabalho psíquico a ser realizado pelo analisando,

⁵ PASTORE, Jassanan Amoroso Dias. “Psicanálise e Linguagem Mítica”. Visualizado em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252012000100009&script=sci_arttext (27/10/2014)

⁶ Heinz Wismann, *apud* DETIENNE, Marcel. Os Gregos e Nós – Uma antropologia comparada da Grécia Antiga. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 84

sabemos, não se afasta do caminho da rememoração nem dos entretons e contradições do que é lembrado ou esquecido.

Para seguirmos com a configuração da ordem mítico- filosófica vigente à época de Epidauro, *Alétheia* (*Verdade*) era identificada como potência criadora de ser. À Verdade contrastava *Léthe* (*Esquecimento*), cúmplice do Silêncio, de Censura e de Obscuridade. Convém ressaltar que *Alétheia* e *Léthe* não se anulavam nem se contradiziam. Antes, eram pólos de uma única potência⁷.

Já vimos que às práticas ritualísticas em Epidauro preocupava promover a harmonia entre corpo e mente. Os Sacerdotes de Asclépio, mais que médicos, pensadores profundos, conheciam bem as técnicas de promoção da *nooterapia*. Estavam convencidos de que, quando nossa consciência se mantém em estado de pureza e harmonia, o físico torna- se, necessariamente, são e equilibrado. A esse processo de harmonização, importava associar o culto a Asclépio a atividades de natureza cultural- catárticas. Não por acaso, junto ao santuário havia um *Odéon* (teatro fechado para ouvir música e poesia), um *Teatro* (que é o mais bem conservado do mundo grego, com capacidade para 14.000 pessoas), um *Estádio* e um *Ginásio* (para competições e exercícios físicos).

A tragédia e a comédia, a poesia épica e lírica, contribuía para a harmonia purificando a alma de paixões ruinosas. A ginástica e as disputas atléticas disciplinavam os movimentos e o ritmo do corpo. Nesse conjunto de atividades

⁷ DETIENNE, Marcel. "Os Gregos e Nós" – Uma antropologia comparada da Grécia Antiga. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 77

– em que o cultural se enlaçava no que era próprio ao culto – , o medicamento ocupava um lugar absolutamente secundário.

O santuário de Epidauro preparou o caminho para a medicina. Não por acaso, Hipócrates, considerado pai de Medicina, foi sacerdote do santuário de Asclépio, na cidade de Cós.⁸ Mesmo à época da dominação romana (séc. II a.C.), quando o emprego de medicamentos se generalizou, assim como a utilização da dietética, cirurgia, hidroterapia e purgantes, o culto a Asclépio se manteve. Sua *nooterapia* sobreviveu até o século V da nossa era, convivendo com outras religiões e cultos.⁹

A formação clássica de Freud foi uma das fontes de conhecimento que lapidaram o desenvolvimento de suas teorias sobre o psiquismo. Prova disso são as reiteradas referências à mitologia grega. A julgar pelo ambiente cultural em que Freud se desenvolvia, não surpreende que seja assim. De fato, entre 1850 e 1890 cresceu em toda Europa o número de estudos publicados acerca da “ciência dos mitos”. Relacionado especificamente ao tema que nos interessa neste estudo – a interpretação dos sonhos como instrumento para a cura – convém mencionar que Bernard Buschsenschutz publicou em Berlim, em 1868 – na fase que corresponde ao início da adolescência de Freud – o livro “*Traum und Traumdeutung im Alterthume*” (Sonho e interpretação de sonhos na

⁸ É de se notar que ainda hoje Asclépio permanece associado à cura. Não por acaso, é mencionado no juramento que os estudantes de Medicina fazem ao se graduarem: “Eu juro, por Apolo, médico, por Asclépio, Higeia e Panaceia, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue.” Apolo era o pai de Asclépio. Higeia e Panaceia, por filhas de Asclépio, partilhavam o templo com o pai onde eram igualmente adoradas.

⁹ A adoção da prática da confissão é percebida por alguns historiadores como uma adaptação das práticas terapêuticas dos templos de Asclépio aos ritos cristãos. Mesmo comentadores cristãos do século II d. C. alegam que os milagres de Asclépio foram um prelúdio de Jesus Cristo.

Antiguidade). Alguns anos mais tarde, em 1894, Alice Walton, por sua vez, publicou um estudo minucioso sobre Asclépio. Por ocasião da publicação do livro de Alice, Freud contava 36 anos de idade.

Em toda a sua obra, Freud se vale dos mitos como fonte de inspiração e reflexão. De modo especial, seu interesse pela prática milenar do desvelamento dos sonhos é atento e forte. Ao se referir aos ensinamentos que Artemidoro, ainda no século II, legou sobre a arte de, pela interpretação do sonho, devolver ao sonhador o sentido da própria vida, disse Freud¹⁰:

“Esse método leva em conta não apenas o conteúdo do sonho, mas também o caráter e situação do sonhador (..) Fui levado a compreender que temos aqui, mais uma vez, um daqueles casos nada incomuns em que uma antiga crença popular, ciosamente guardada, parece estar mais próxima da verdade que o julgamento da ciência vigente em nossos dias.”¹¹

Que assim seja.

¹⁰ O livro *Oneirocritica*, do grego Artemidoro, escrito no século II, reúne mais de 3 mil sonhos.

¹¹ FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987. p 96.

BIBLIOGRAFIA

AYMARD, A e J. AUBOYER. História Geral das Civilizações – O Oriente e a Grécia. Rio de Janeiro: Difel, 5ª edição, 1977.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega – volumes I e II. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 1986.

DETIENNE, Marcel. Os Gregos e Nós – Uma antropologia comparada da Grécia Antiga. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FEITOSA, João Vinícius Gondim. “Rito e Cura no Culto de Asclépio do Final do Período Clássico”. In *Revista Eletrônica em Antiguidade*, 2011, ano VI, número II
Visualizado em
http://www.academia.edu/4168781/Moedas_Gregas_na_Cole%C3%A7%C3%A3o_d_o_Museu_Hist%C3%B3rico_Nacional_do_Rio_de_Janeiro_e_as_Primeiras_Amoeda%C3%A7%C3%B5es_da_%C3%81sia_Menor_pp._147-159. (26/10/2014)

FREUD, Sigmund. “Lembranças Encobridoras”(1899). In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Volume III): Primeiras publicações psicanalíticas (1893– 1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ *A interpretação dos sonhos*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

MEIER, C.A. Sonho e Ritual de Cura: Incubação antiga e psicoterapia moderna. São Paulo: Paulus, 1999.

PASTORE, Jassanan Amoroso Dias. “Psicanálise e Linguagem Mítica”. Visualizado em
http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252012000100009&script=sci_arttext. (27/10/2014)

